

A EcoSintonia e a Saúde Empresarial

Eduardo Weaver¹
Marco Aurélio Bilibio²

No mundo moderno questiona-se com quem, realmente está o poder: com os governos ou com as empresas?

É inegável o impacto que o setor corporativo tem na vida moderna. Mentes muito bem treinadas, que estão em contato com os últimos avanços tecnológicos, moldam a cara do nosso mundo. Para o bem ou para o mal, são algumas poucas empresas que estão ditando a nossa forma de viver, nossa forma de vestir e de nos comportarmos.

Não obstante, nem sempre as empresas têm-se mostrado capazes de atender adequadamente a sua comunidade. A busca do lucro e da sobrevivência em um mundo altamente competitivo tem levado as empresas a se esquivarem de suas responsabilidades socioambientais, utilizando práticas nocivas ao meio ambiente, geradoras de desemprego e agravantes dos desequilíbrios sociais.

Felizmente, cada vez mais essas empresas estão sendo forçadas a desenvolverem uma nova postura, mais responsável, em função da ação de cidadãos e entidades conscientes que vêm mobilizando a opinião pública. A opinião pública já expressa uma profunda e crescente apreensão com a questão ambiental. Ela também expressa angústia em relação à segurança das classes menos favorecidas ameaçadas pela exclusão social.

Desse quadro, surge uma concepção de empresa que pode polarizar a admiração e a conseqüente fidelidade de seus clientes, clientes esses que estão cada vez mais bem-informados sobre os impactos que os produtos das empresas estão produzindo no meio ambiente e nas comunidades dentro de sua área de abrangência.

As evidências apontam para o fato de que o conceito de responsabilidade socioambiental será um diferencial na empresa do futuro. O empresário desse novo século precisará fazer uma escolha entre a atuação construtiva

e responsável ou manter-se aferrado ao antigo modelo de busca de lucro a qualquer custo. Os que não tiverem sensibilidade para as questões socioambientais terão de arcar com as conseqüências de sua irresponsabilidade, manchando a sua imagem e caindo em descrédito.

Um dos objetivos da EcoSintonia é auxiliar as empresas no processo de transição para uma condição de pessoa jurídica corporativamente saudável e responsável. Para tal, ela fomenta a saúde nas relações interpessoais e funcionais dentro da empresa. A estratégia é criar condições para o aumento da eficiência, estimulando o espírito de cooperação e respeito, despertando a noção de pertencimento a uma equipe que possui objetivos comuns. Uma empresa responsável em termos socioambientais faz sua lição de casa gerando o que chamamos de saúde empresarial

Saúde Empresarial

O conceito de saúde empresarial refere-se à capacidade da empresa em atuar nos moldes de um organismo. Em um organismo, saúde significa interação, livre de impedimentos, em todos os procedimentos e informações relacionadas com sua atividade. O resultado é um funcionamento que ao mesmo tempo se adapta a realidade e ao mesmo tempo se altera com a sua ação específica. . No caso de empresas, o lucro significa que o sistema gera energia, ou seja, vitaliza o sistema maior em que está inserido, ao invés de sugá-lo (o modelo de funcionamento dos parasitas).

O futuro aponta para dois modelos em oposição: a empresa saudável e integrada, que alimenta o sistema e é por ele alimentada, e a empresa parasita, que apenas suga a energia do sistema sem nada oferecer em contrapartida, contribuindo para o esgotamento dos recursos do sistema e para o seu colapso.

Durante as primeiras décadas da revolução industrial, o segundo modelo preponderou. Muitas empresas não perceberam que o mundo mudou e ainda estão presas a velhos paradigmas. Elas continuam a atuar como se

os recursos alimentícios e energéticos do planeta fossem inesgotáveis, como se o planeta pudesse absorver todo o lixo que vem sendo produzido, como se o aquecimento global fosse uma ficção sem importância.

O paradigma mecanicista e individualista, que sempre foi a base do modelo consumista, mostrou-se falho. Sua visão sempre careceu de uma percepção do contexto. Quando a empresa focalizava o contexto, era no sentido de manipulá-lo através da propaganda para lucrar mais.

O paradigma sistêmico, que substituiu o ultrapassado paradigma mecanicista, estabelece que tudo esteja interconectado. De acordo com esta nova visão, o “futuro de A, depende do futuro de B”. A negação, já secular, dessa unidade básica entre todas as coisas, entre todos os seres, mostrou ser, no raiar do século XXI, a causa das catástrofes ambientais e sociais (leia-se, violência e miséria) que nos afligem.

Fonte: www.ecosintonia.com.br (acesso em 23.02.08).

¹ Eduardo Weaver, engenheiro eletrônico pela PUC/RJ, Master of Science pela University of Birmingham, Inglaterra e MBA com especialização em Gestão Empresarial pelo INPG.

² Marco Aurélio Bilibio, psicólogo clínico, de orientação Fenomenológica, diretor e apresentador de programas de TV e Rádio, especialista em Psicologia da Comunicação.